



Franquismo e América Latina: identidades, apropriações e debates políticos no México (1948 - 1955) e no Chile (1973 - 1975)

André Mateus Pupin*, José Alves de Freitas Neto

Resumo

Analisei o projeto cultural planejado pela ditadura do espanhol Francisco Franco para a América Latina através da revista intelectual *Cuadernos Hispanoamericanos*. Também analisei uma crítica feita pela revista mexicana *Cuadernos Americanos* no mesmo período, e uma apropriação pela ditadura chilena de Augusto Pinochet, duas décadas depois.

Palavras-chave:

Revistas intelectuais; discursos e debates políticos; apropriações culturais.

Introdução

A História não é uma “ciência do passado” mas uma “ciência dos homens no tempo”¹, assim esta pesquisa, motivada por questões do tempo presente que nos rondam nos últimos anos, visa contribuir com o entendimento de como discursos autoritários e violadores da democracia e dos direitos humanos são apropriados e reapropriados, e de forma muitas vezes repetitiva tornam a incomodar e romper com o Estado democrático de direito.

Resultados e Discussão

Para a compreensão do primeiro recorte é necessário entender que a ditadura de Francisco Franco (1939 – 1975) instalou-se após a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) que depôs a Segunda República Espanhola. O exílio de republicanos foi enorme, sendo o México o segundo país que mais os recebeu, atrás apenas da França.

Naquele período o México era governado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), que colocava-se como herdeiro da Revolução Mexicana, e o presidente Lázaro Cárdenas criou o *Colégio de México* para receber os intelectuais espanhóis desterrados. Nesta instituição, em 1942, surgiram os *Cuadernos Americanos* com um corpo editorial mexicano e espanhol e com colaboradores de diversos países da América Latina. Os temas dos cadernos eram variados, sendo que centramos nossa análise nas propostas identitárias americanistas, contra a imposição de imperialismos, o que estava também articulado à defesa de uma América Latina republicana e democrática.

Tal discurso motivou a criação dos *Cuadernos Hispanoamericanos*, em 1948, vinculado ao Ministério de Relações Exteriores. A proposta desta revista, em contraposição à mexicana, era colocar a América Latina como uma *Hispanoamérica* que teria sua unidade centrada na *madre patria* Espanha, a qual teria fornecido seus elementos de unidade: língua e cultura hispânica (*hispanidad*) e religião católica (*catolicidad*). Tal proposta estava relacionada ao isolamento político da Espanha, o que mudou com sua entrada na ONU, em 1955.

Por fim analisei o pinochetismo desde o golpe de Estado no Chile (1973) até o funeral de Francisco Franco na Espanha (1975), momento que Pinochet exaltou a memória do ditador espanhol, bem como a *hispanidad*, a

catolicidad e sua luta conta o comunismo – elementos que seriam essenciais para o Chile naquele momento.

No entanto, como tais discursos já foram explorados por muitos trabalhos, analisei as comemorações do *Día de la Hispanidad*. Tal celebração era realizada no aniversário da chegada de Cristóvão Colombo à América e valorizava demasiadamente a cultura espanhola e a religião católica. Assim, percebi que havia mobilização de elementos trazidos pelos *Cuadernos Hispanoamericanos*, através dos quais a ditadura pinochetista instalou um projeto cultural diametralmente oposto ao desenvolvido pelo governo anterior – o socialismo da Unidade Popular – que havia buscado resgatar o folclore chileno e andino.

Com relação ao método, a compreensão e análise dos resultados foi feita com o uso da metodologia da História Intelectual, pois entendo que as mudanças e pautas políticas são muitas vezes antecedidas e detalhadas no campo intelectual. Além disso com a História Global pude compreender estes trânsitos ideológicos autoritários para além de fronteiras nacionais, entendendo que há “giros hemisféricos”, ou seja, que a Europa muda a América (Pinochet apropria Franco), mas a América também muda a Europa (*Cuadernos Hispanoamericanos* respondem aos *Cuadernos Americanos*).

Conclusão

Assim a partir da análise da política cultural franquista, bem como de uma crítica e uma apropriação, conseguimos identificar elementos que contribuem para o entendimento da persistência e retomada de discursos e trânsitos ideológicos autoritários.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP e ao Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

CRESPO, Regina (coord.). *Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales*. Cidade do México: UNAM e Ed. Eón, 2010.

MYERS, Jorge. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

RINKE, Stefan; RIOJAS, Carlos. *Historia Global: Perspectivas y Tensiones*. Stuttgart: Verlag Hans-dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart, 2017.

¹BLOCH, Marc. *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 7.